



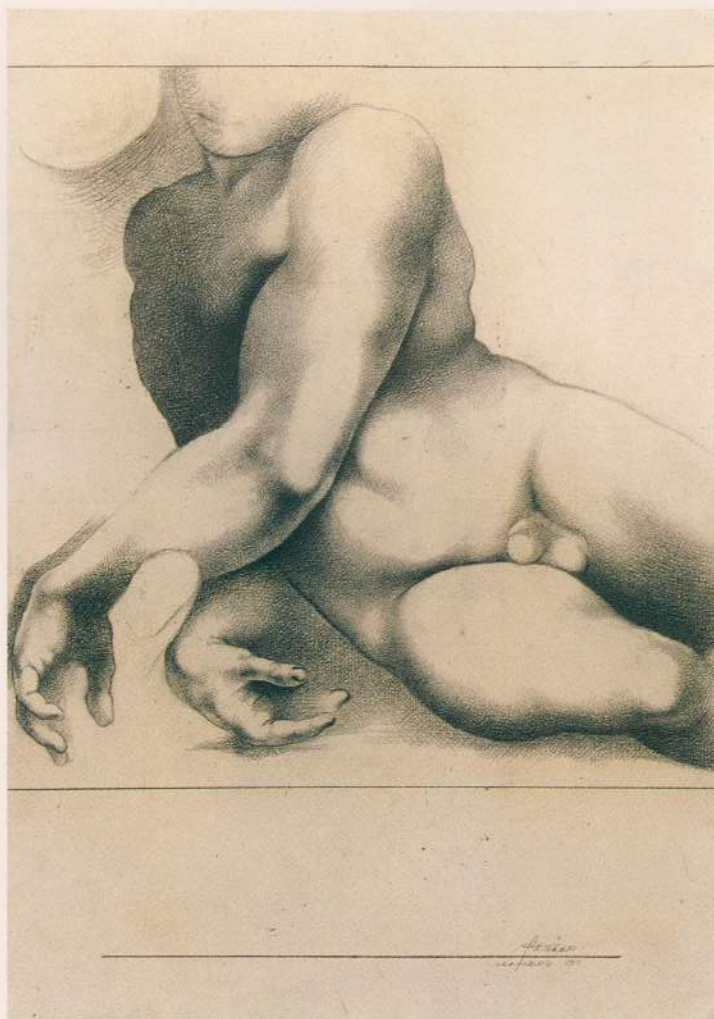
VAN GOGH EM LONDRES 1978
115x146cm
Coleção Particular



AMAN *Original Serigrafia* 1979
36x51cm
Coleção A. Faure



SÃO JOÃO BATISTA 1980
180x65cm
Coleção Beto Lima



CRIAÇÃO DE EVA 1981
50x36cm
Pinacoteca do Estado de São Paulo



MURAL "ECOLE DES BUTTES" 1981
85m²
França Grenoble



MURAL "ECOLE DES BUTTES" 1981
Detalhe
França Grenoble



MURAL "ECOLE DES BUTTES" 1981
Detalhe
França Grenoble



3º DIA DA CRIAÇÃO 1981
131x163cm
Coleção P. Repelin

SERGIO FERRO

Sempre foi assim. Igual, somente na intensidade com que procura desvelar o novo. Chega muito perto: risca, grava, modela, raspa, pinta, apaga. Procura as passagens mais sutis entre o relevo que salta do suporte e o azul de profundidades maiores. Tem rigores de um gráfico. Tem posturas de um trabalhador atento. Faz a paginação do impossível: explica, pela caligrafia rigorosa, as leis da beleza inexplicável do corpo humano, que não é só corpo mas é ser que está em tudo mais que o rodeia. Faz das ambigüidades, belezas; das belezas, amarguras; sonhos de criança. Barcos, barquinhos, bandeirolas dos homens e meninos que são seus. Colagens fantásticas de seres e coisas que vêm de muitas partes. E estão juntas porque alguém quis. A colagem traz fragmentos de outros universos. Não estão ali pelo ajuntamento arbitrário que gera o monstruoso, apesar de estarem encostadas umas às outras, sem uma linha mestra que se evidencie. Há uma incansável procura de solidariedade. E a sensibilidade inteligente, que tudo unifica, permite, pela arte, o encontro num espaço nunca visto e jamais sentido. A mais delicada das cores, o traço mais sensível, um fragmento de tecido, de papel ou de muro, tudo pousa ali como se estivesse à espera de ser visto. Até o pássaro ferido. Emerge o amor inesperado, a vida inesperada, a dor da beleza. Sempre foi assim, como se se defrontasse com caminhos infundáveis. Já os primeiros desenhos que vimos em 1952, eram de personagens perdidos na noite de uma cidade triste. Mas sempre foi assim, pela sua obra, pelo seu trabalho, um artista que queremos merecer.

VIII/71

P.S. ao texto de agosto de 1971

Sergio:

Nas corredeiras das águas das ruas, segue agora este imaginário barco de papel, a relembrar os sonhos de crianças.

A vida era notícia.

Lia-se o dia a dia daqui e de lá. Lia-se muito!

O jornal, o diário, nos ligava ao mundo.

Era o cotidiano e o pão nosso, agora convertido num veículo de lembranças.

Depois, no teatro, São Paulo foi resumido. Figurou em *Macunaíma*, como um conglomerado de pessoas lendo jornal. O próprio artista-pintor e autor dos escritos compilados, às vezes tenta reanimar cenas fixadas pelos “clichês”. Procura restaurar ou restabelecer momentos da vida vivida, além do simples ver (o que já é muito!).

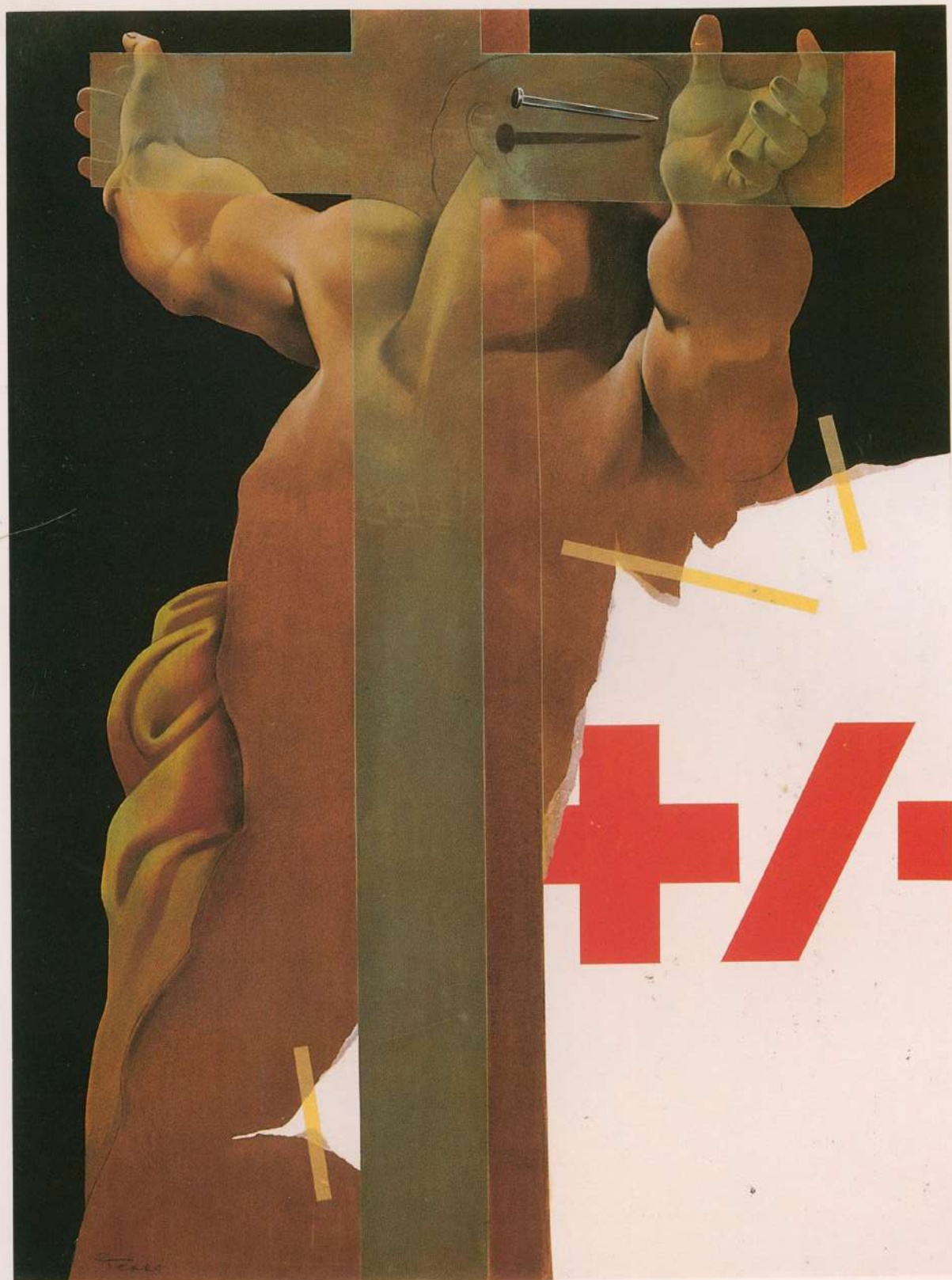
Na *Barca*, pintada pelo adolescente nos anos 50, estavam os germes de um projeto de vida, de um longo, paciente e detido trabalho de artista e mestre.

Os anos passados em distanciamentos, estudo, concentração ou turbulências, indicam a travessia, mesmo que seja na barca de Caronte — figura que Miguel Ângelo (Michelangelo) pintou no *Juízo Universal (sic)*. Assim, se reconhece, mais uma vez, esse empenho em chegar mais perto das pessoas. Serão agora as figuras cercadas pela “aura” da História. Diante delas, esse desejo primordial de vencer o distanciamento — o que faz de um simples barco de papel um desejo ou um desígnio de chegar-se à capela Sixtina, pintada por Michelangelo Buonarroti (1475-1564). A galera sombria, por vezes nave desespacializada, parece ter sido defumada por um incêndio, conforme notou um poeta. É a pátina negra sobre o turbilhão de carnes e peles.

Será o luto interiorizado? Ou as reclusões devidas à atividade obstinada e estafante? Assim retornou, pelo vai-e-vem das ondas, o barco — agora uma caravela espectral, arca *spectrum*, pousada no espigão paulista.

VIII/81

Flávio Motta



AMAN 1981
160x120cm
Museu de Arte de São Paulo MASP



PINTOR E MODELOS 1982
130x160cm
Musée de Grenoble